

A Atividade das Empresas Agrícolas em Portugal 2004-2010

Empresas agrícolas: o futuro da agricultura portuguesa?

As 43 972 empresas da atividade agrícola (divisão 01 da CAE Rev.3) representavam, em 2010, 3,8% das empresas não financeiras, empregavam 2,1% do total das pessoas ao serviço, e contribuíram com 1% para o VAB_{pm} gerado no setor empresarial não financeiro.

O baixo valor acrescentado bruto gerado, o elevado peso dos subsídios, a maior dispersão geográfica e uma taxa de sobrevivência ao fim de 2 anos superior à registada no total do setor não financeiro, constituem as principais particularidades deste segmento empresarial.

De acordo com os dados do Recenseamento Agrícola 2009 (RA 09), as empresas agrícolas geraram, em média, um valor de produção padrão total na ordem dos 91 mil euros, seis vezes superior ao registado no total das explorações agrícolas, explorando uma área média de SAU de 63 hectares (12 hectares no total das explorações agrícolas). Apresentaram uma produtividade, medida em VPPT/UTA, quatro vezes superior à média das explorações recenseadas. De referir que no caso das sociedades, estes indicadores atingem níveis comparáveis com as explorações agrícolas dos países com agriculturas mais competitivas.

A orientação técnico-económica das empresas de maior dimensão económica está relacionada com a produção animal, com especialização em herbívoros e granívoros.

O INE divulga, pela primeira vez, informação relativa às unidades classificadas na atividade agrícola¹, passando a informação sobre as empresas agrícolas a fazer parte do ciclo de produção corrente das estatísticas das empresas.

A análise da informação terá de ser efetuada tendo em conta a coexistência de dois domínios distintos (estatísticas das empresas e estatísticas agrícolas) com conceitos e classificações próprios (ver Síntese metodológica).

¹ Por questões de simplificação, a divisão 01 da CAE Rev.3 correspondente a Agricultura, produção animal, caça e atividades relacionadas, será designada por atividade agrícola

1. CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS

Caracterização das empresas da atividade agrícola em 2010

		Empresas		Pessoas ao serviço		Volume de negócios		Produção		Consumos intermédios		VAB _{pm}	
		N.º	Peso no total (%)	N.º	Peso no total (%)	10³ Euros	Peso no total (%)	10³ Euros	Peso no total (%)	10³ Euros	Peso no total (%)	10³ Euros	Peso no total (%)
Total de empresas não financeiras		1 144 150	100,0	3 843 268	100,0	356 390 110	100,0	243 590 431	100,0	155 345 374	100,0	88 245 057	100,0
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (Secção A da CAE Rev.3)		53 654	4,7	104 686	2,7	4 856 810	1,4	4 616 709	1,9	3 461 492	2,2	1 155 216	1,3
Agricultura, produção animal, caça e atividades relacionadas (Divisão 01 da CAE Rev.3)		43 972	3,8	81 679	2,1	3 843 834	1,1	3 670 242	1,5	2 829 606	1,8	840 636	1,0
<i>Desagregação por:</i>													
Forma jurídica	Empresas individuais	35 603	81,0	45 235	55,4	1 409 299	36,7	1 455 843	39,7	1 072 244	37,9	383 599	45,6
	Sociedades	8 369	19,0	36 444	44,6	2 434 535	63,3	2 214 400	60,3	1 757 363	62,1	457 037	54,4
Dimensão	Menos de 10 pessoas	43 149	98,1	60 680	74,3	2 398 560	62,4	2 310 042	62,9	1 789 318	63,2	520 725	61,9
	10 a 49 pessoas	748	1,7	13 344	16,3	835 997	21,7	760 416	20,7	571 675	20,2	188 741	22,5
	50 ou mais pessoas	75	0,2	7 655	9,4	609 277	15,9	599 784	16,3	468 614	16,6	131 170	15,6
Região NUTSII	Norte	9 918	22,6	16 633	20,4	570 369	14,8	567 101	15,5	406 892	14,4	160 208	19,1
	Centro	10 809	24,6	19 727	24,2	1 280 991	33,3	1 188 838	32,4	945 885	33,4	242 952	28,9
	Lisboa	3 700	8,4	8 222	10,1	400 428	10,4	389 603	10,6	304 918	10,8	84 684	10,1
	Alentejo	12 177	27,7	26 749	32,7	1 260 304	32,8	1 204 536	32,8	947 145	33,5	257 391	30,6
	Algarve	2 223	5,1	3 838	4,7	104 723	2,7	104 505	2,8	68 632	2,4	35 873	4,3
	Açores	4 816	11,0	5 641	6,9	200 642	5,2	193 507	5,3	137 595	4,9	55 912	6,7
	Madeira	329	0,7	869	1,1	26 375	0,7	22 154	0,6	18 539,211	0,7	3 615	0,4

Empresas agrícolas contribuíram apenas com 1% para o volume de negócios total em 2010

Em 2010, existiam em Portugal, 1 144 150 empresas não financeiras, das quais 53 654 (4,7%) exerciam atividade na Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (secção A da CAE Rev.3). Estas empresas empregavam 2,7% do total de pessoas ao serviço e foram responsáveis por 1,3% do valor acrescentado global gerado no setor empresarial não financeiro.

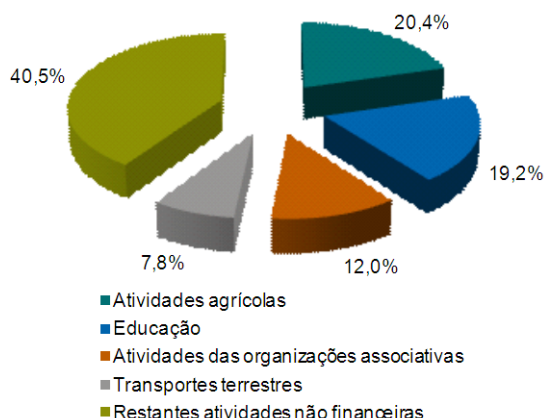
Este segmento é composto sobretudo por empresas classificadas na atividade agrícola, as quais em 2010, representavam 82% das empresas, 78% das pessoas ao serviço, 79,1% do volume de negócios e 72,8% do VAB_{pm} deste segmento empresarial. As atividades relacionadas com a silvicultura, exploração florestal, pesca e aquicultura representavam apenas 18,0% das empresas e contribuíram em 27,2% para o VAB_{pm} deste setor.

Toda a análise efetuada neste estudo incide sobre as empresas classificadas na atividade agrícola (divisão 01 da CAE Rev.3).

Empresas agrícolas foram as mais subsidiadas

A atividade agrícola foi a atividade mais subsidiada em 2010, detendo 20,4% do total de subsídios à exploração afetos às empresas não financeiras, apenas seguida de perto pela Educação (19,2%).

Distribuição dos subsídios à exploração por atividade, 2010



Esta situação está em linha com os resultados do RA 09, em que 60% dos produtores agrícolas declararam beneficiar de ajudas/subsídios, dos quais 11% indicaram que a sua importância no rendimento da exploração agrícola foi superior a 25%.

Empresas agrícolas individuais representavam quase 37% do volume de negócios

No que se refere à dimensão destas empresas, no ano de 2010, 98,1% tinham menos de 10 pessoas ao serviço. Estas empresas foram responsáveis por 62,4% do volume de negócios e 61,9% do VAB_{pm} desta atividade.

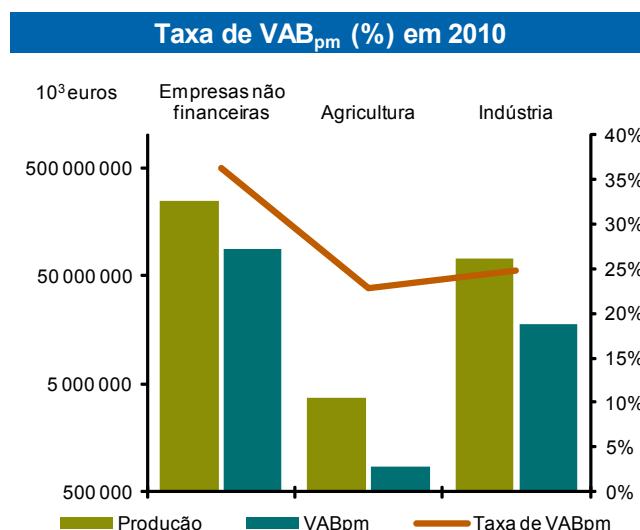
Estes valores refletem uma estrutura empresarial agrícola semelhante à do setor empresarial não financeiro, ou seja, maioritariamente composta por entidades constituídas sob a forma de empresário em nome individual ou trabalhador independente e por empresas de reduzida dimensão.

Apesar de apenas 19% das empresas agrícolas estarem constituídas sob a forma de sociedade, este tipo de empresa empregava 44,6% do total de pessoas ao serviço nesta atividade, em 2010. Na agricultura, a contribuição para o VAB_{pm} global agrícola provém de forma mais equitativa no que se refere a empresas individuais (45,6%) e a sociedades (54,4%), comparativamente com o que acontece no setor empresarial não financeiro, onde as sociedades contribuíram em 91,3% para o total do VAB_{pm} gerado em 2010. Para este facto poderá ter o menor peso e a menor dimensão das sociedades agrícolas, face ao universo das sociedades na globalidade das empresas não financeiras.

A nível regional, a maioria das empresas não financeiras portuguesas encontrava-se sediada nas regiões do Norte e Lisboa (61,7% no conjunto das duas regiões). No que se refere à atividade agrícola, as empresas que mais contribuíram para os principais indicadores económicos desta atividade estavam sediadas nas regiões do Centro e Alentejo (52,3% das empresas e 66,1% do volume de negócios no conjunto das duas regiões).

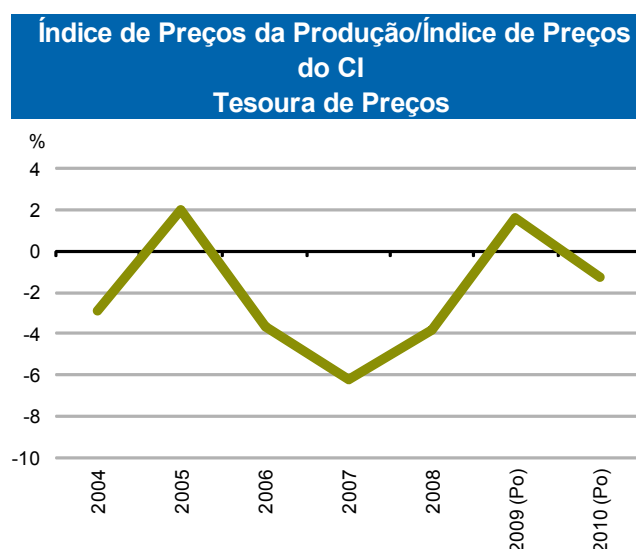
Consumos intermédios na produção agrícola com peso bastante superior ao do setor não financeiro

Em 2010, o peso do valor acrescentado por cada unidade produzida (taxa de VAB_{pm}) nas empresas agrícolas foi de 22,90%, 13,32 p.p. abaixo do valor verificado para o total do setor empresarial não financeiro. Quando se compara este indicador por setor de atividade, a Agricultura e a Indústria foram os setores que apresentaram níveis mais baixos para este indicador.



Os dados das empresas revelam que na atividade agrícola o peso dos consumos intermédios na produção (77,1%) é bastante superior ao do setor empresarial não financeiro (63,8%).

No caso concreto da Agricultura, esta situação resulta do elevado peso que os consumos intermédios assumem, sobretudo a alimentação animal e os combustíveis, tendo-se assistido ao aumento crescente do preço destes fatores de produção nos últimos anos. Aliás, a relação entre os preços da produção e do consumo intermédio ("tesoura de preços") produzida com base na informação das Contas Económicas da Agricultura comprova isso mesmo, revelando uma evolução desfavorável para o produtor, na maior parte dos anos em análise, com exceção de 2005 e 2009. Com efeito, o custo dos meios de produção teve um impacto bastante negativo na atividade agrícola, dado que a evolução dos preços da produção não acompanhou o aumento daqueles.



2. PRINCIPAIS INDICADORES ECONÓMICOS NAS EMPRESAS AGRÍCOLAS, 2004-2010

Evolução da atividade agrícola entre 2004-2010												
Ano	Empresas		Pessoas ao serviço		Volume de negócios		Produção		Consumos intermédios		VAB ₁	
	N.º	Tx. var. n-1n (%)	N.º	Tx. var. n-1n (%)	10³ Euros	Tx. var. n-1n (%)	10³ Euros	Tx. var. n-1n (%)	10³ Euros	Tx. var. n-1n (%)	10³ Euros	Tx. var. n-1n (%)
2004	44 765	-	78 155	-	3 390 684	-	3 132 294	-	2 423 017	-	709 277	-
2005	45 397	1,4	79 889	2,2	3 455 466	1,9	3 154 163	0,7	2 427 166	0,2	726 997	2,5
2006	45 976	1,3	83 432	4,4	3 561 542	3,1	3 314 353	5,1	2 476 341	2,0	838 012	15,3
2007	46 264	0,6	83 702	0,3	3 807 354	6,9	3 587 612	8,2	2 746 852	10,9	840 759	0,3
2008	46 345	0,2	85 328	1,9	4 199 673	10,3	3 940 872	9,8	3 124 018	13,7	816 854	-2,8
2009	45 210	-2,4	83 297	-2,4	3 831 862	-8,8	3 578 179	-9,2	2 800 102	-10,4	778 077	-4,7
2010	43 972	-2,7	81 679	-1,9	3 843 834	0,3	3 670 242	2,6	2 829 606	1,1	840 636	8,0
Tx. var. média anual (%)		-0,3		0,7		2,1		2,7		2,6		2,9

Produção da atividade agrícola cresceu 2,7% entre 2004 e 2010

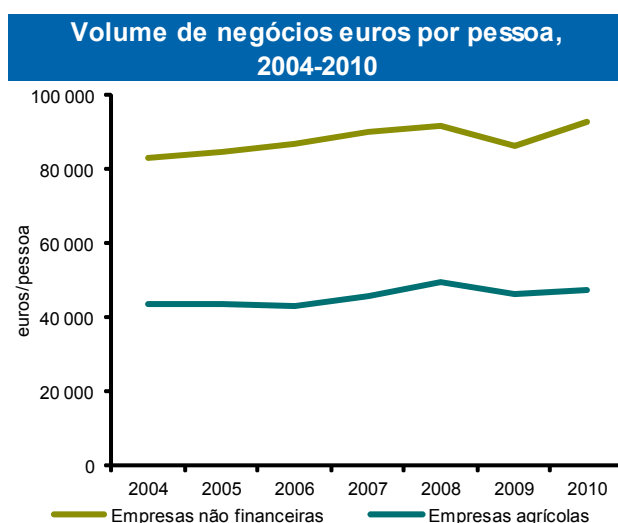
Em 2010 existiam 43 972 empresas com atividade principal agrícola, menos 793 do que em 2004. Ao longo do período 2004-2010, o valor máximo de unidades empresariais nesta atividade, 46 345, foi registado em 2008, ano a partir do qual se regista uma tendência decrescente no número de empresas. Neste período, as empresas agrícolas registaram um decréscimo médio anual de 0,3%. No entanto, a atividade agrícola registou um aumento das empresas constituídas sob a forma de sociedades, em detrimento do peso das empresas individuais. Em 2004, as sociedades pesavam 15,6% e as empresas individuais 84,4%, valor este que diminuiu para 81% em 2010.

Apesar da taxa de variação média anual ligeiramente positiva do número de pessoas ao serviço destas empresas, entre 2004 e 2010, a partir de 2008 o número de pessoas ao serviço afeto a esta atividade também diminuiu.

O volume de negócios gerado por este setor em 2010, correspondente a 3 843 834 mil euros, foi superior em 13,4% relativamente ao valor de 2004. No entanto, a sua evolução não seguiu sempre a mesma tendência, destacando-se um decréscimo de 8,8% entre 2008 e 2009, trajetória semelhante à do total do setor empresarial não financeiro.

Volume de negócios per capita da atividade agrícola foi de cerca de metade quando comparado com o do setor não financeiro

O volume de negócios gerado por trabalhador na atividade agrícola, em 2010, foi de 47 060 euros, superando em 3 676 euros o valor registado em 2004. Este volume de negócios *per capita* anual representa cerca de metade do volume de negócios *per capita* do setor não financeiro, que em 2010 foi de 92 731 euros.



O crescimento médio anual do valor acrescentado na atividade agrícola no período de 2004 a 2010 foi de 2,9%. No entanto, no período de 2007 a 2009, os consumos intermédios associados a esta atividade registaram taxas de variação superiores às da produção.

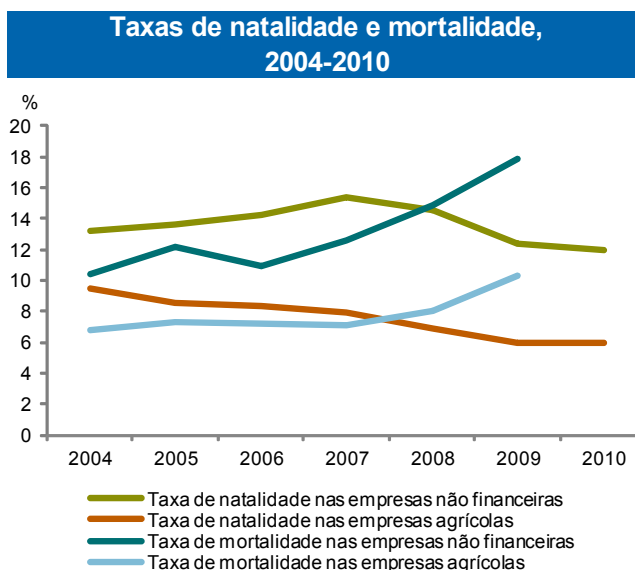
3. PRINCIPAIS INDICADORES DEMOGRÁFICOS DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS, 2004-2010

Principais indicadores demográficos na atividade agrícola por forma jurídica, 2004-2010								
Por forma jurídica:		2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Nascimentos de empresas	Total de empresas não financeiras	143 447	152 496	163 268	185 903	179 144	148 456	136 664
	Divisão 01 da CAE Rev.3	4 225	3 866	3 829	3 670	3 209	2 701	2 609
	Empresas individuais	3 666	3 276	3 242	3 097	2 491	2 073	2 081
	Sociedades	559	590	587	573	718	628	528
Taxa de natalidade	Total de empresas não financeiras	13,22	13,60	14,28	15,41	14,50	12,38	11,94
	Divisão 01 da CAE Rev.3	9,44	8,52	8,33	7,93	6,92	5,97	5,93
	Empresas individuais	9,70	8,58	8,40	8,03	6,51	5,63	5,85
	Sociedades	8,02	8,18	7,97	7,46	8,90	7,51	6,31
Mortes de empresas (a)	Total de empresas não financeiras	113 252	136 134	125 529	151 691	183 734	213 938	n.d.
	Divisão 01 da CAE Rev.3	3 056	3 321	3 328	3 287	3 724	4 648	n.d.
	Empresas individuais	2 736	2 895	3 032	2 962	3 378	4 095	n.d.
	Sociedades	320	426	296	325	346	553	n.d.
Taxa de mortalidade (a)	Total de empresas não financeiras	10,44	12,14	10,98	12,58	14,88	17,85	n.d.
	Divisão 01 da CAE Rev.3	6,83	7,32	7,24	7,10	8,04	10,28	n.d.
	Empresas individuais	7,24	7,58	7,85	7,68	8,82	11,11	n.d.
	Sociedades	4,59	5,91	4,02	4,23	4,29	6,61	n.d.
Sobrevivência a 2 anos (b)	Total de empresas não financeiras	n.d.	n.d.	84 339	87 374	94 559	97 972	87 044
	Divisão 01 da CAE Rev.3	n.d.	n.d.	3 045	2 791	2 717	2 448	2 101
	Empresas individuais	n.d.	n.d.	2 585	2 293	2 216	1 970	1 482
	Sociedades	n.d.	n.d.	460	498	501	478	619
Taxa de sobrevivência a 2 anos (b)	Total de empresas não financeiras	n.d.	n.d.	58,79	57,30	57,92	52,70	48,59
	Divisão 01 da CAE Rev.3	n.d.	n.d.	72,07	72,19	70,96	66,70	65,47
	Empresas individuais	n.d.	n.d.	70,51	69,99	68,35	63,61	59,49
	Sociedades	n.d.	n.d.	82,29	84,41	85,35	83,42	86,21

(a) Por questões metodológicas, a informação para mortes de empresas de 2010 ainda não está disponível e a de 2009 é considerada provisória.

(b) Dado que o período temporal deste estudo se inicia em 2004, apenas é possível calcular este indicador a partir de 2006.

Em 2010, iniciaram atividade 136 664 empresas no total do setor empresarial não financeiro, correspondendo a uma taxa de natalidade de 11,94%. Ao longo do período de 2004-2010, esta taxa de natalidade atingiu o valor máximo em 2007 (15,41%), com a criação de 185 903 novas empresas. No que se refere à taxa de mortalidade, os valores refletem uma tendência de crescimento ao longo do período em análise, alcançando os 17,85% em 2009. Também a taxa de sobrevivência das empresas não financeiras tem diminuído ao longo deste período. Em 2010, das 179 144 empresas novas criadas em 2008 apenas 48,59% ainda existiam no 2º ano de vida.



No caso da atividade agrícola, a taxa de natalidade apresentou, para o período em análise, uma tendência decrescente e a de mortalidade uma trajetória crescente, em qualquer dos casos abaixo das taxas verificadas para o nível total das empresas não financeiras. O saldo é positivo até 2007, ano a partir do qual a tendência se inflete com o número de mortes a superar o número de novas empresas.

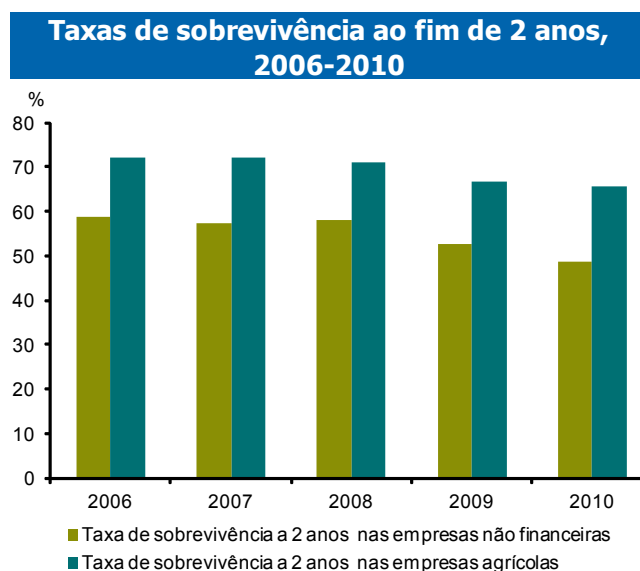
Se se atender aos movimentos de nascimentos e mortes das empresas na atividade agrícola segundo a forma jurídica, verifica-se que 79,8% das empresas que nasceram em 2010 eram empresas individuais, sendo no entanto esse valor inferior em 7,0 p.p. ao registado em 2004. Para os anos de 2008 e 2009, o número de mortes excedeu o número de nascimentos nas empresas individuais, contudo e ao contrário do setor empresarial não financeiro, esse facto não ocorreu nas sociedades agrícolas.

No total das empresas não financeiras, quer a taxa de natalidade quer a taxa de mortalidade apresentaram uma ordem de grandeza superior para as empresas individuais, possivelmente pela maior vulnerabilidade destas às dinâmicas de mercado. No caso do setor agrícola, a taxa de mortalidade nas empresas individuais é sempre superior à das sociedades, o que não acontece com a taxa de natalidade, que a partir de 2008 é superior para as sociedades agrícolas.

Taxa de sobrevivência ao fim de 2 anos superior à registada no total do setor não financeiro

A taxa de sobrevivência ao fim de 2 anos é maior na atividade agrícola do que no total do setor não financeiro (+16,88 p.p.); os resultados do RA 09 parecem confirmar esta continuidade. De facto, inquiridos quanto à possibilidade de dar

continuidade à exploração agrícola, 96% dos agricultores responderam afirmativamente, identificando como principais motivos o valor afetivo (47%) e o complemento ao rendimento familiar (34%).



4. CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS SEGUNDO O RECENSEAMENTO AGRÍCOLA 2009 (RA 09)

A ligação da informação sobre as empresas agrícolas (divisão 01 CAE Rev.3) obtida no SCIE com os resultados apurados no RA 09² permite uma melhor caracterização destas unidades produtivas, complementando os aspetos económicos/contabilísticos com indicadores físicos relacionados com a superfície agrícola utilizada (SAU), efetivo animal e mão-de-obra. Para além destes, a necessidade de comparação das estruturas e sistemas produtivos agrícolas ao nível da UE resultou na definição de uma tipologia comunitária (Regulamento (CE) N.º 1242/2008) que caracteriza e agrupa as explorações agrícolas de acordo com a orientação técnico-económica (OTE) e a dimensão económica (DE). Esta tipologia é baseada no valor da produção padrão (VPP), que corresponde ao valor monetário unitário da produção agrícola de cada atividade, obtido a partir dos preços de venda no produtor, e que serve para o cálculo do valor da produção total (VPPT) e para a determinação da respetiva dimensão económica das explorações.

² O cruzamento entre estas fontes apurou 32 381 entidades comuns na divisão 01 CAE Rev.3.

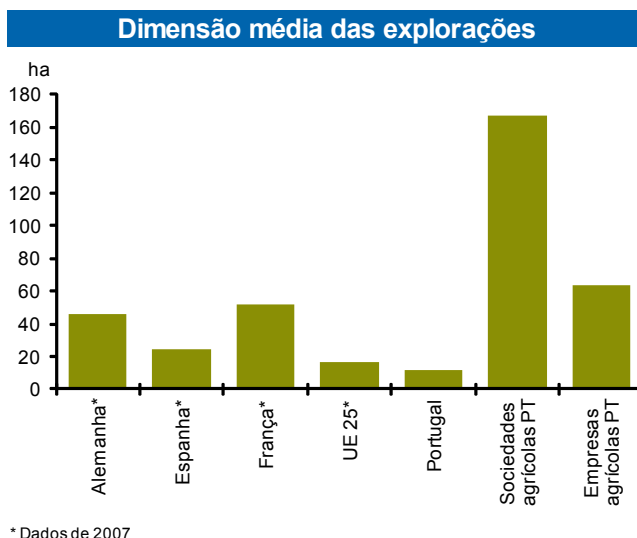
Principais indicadores (RA 09) das empresas agrícolas

Principais indicadores		Forma jurídica			Total de explorações agrícolas RA09	UE 25 (ano 2007)
		Total empresas	Empresas individuais	Sociedades		
Divisão 01 da CAE Rev.3						
VPPT	euros / exploração	91 210	60 797	257 797	15 199	n.d.
SAU	hectares / exploração	63	45	167	12	17
Efetivos	n.º de cabeças normais / exploração	48	28	160	7	14
Mão de obra	UTA (n.º) / exploração	2	2	5	1	1
	UTA (n.º) / 100 ha de SAU	4	4	3	10	6
	VPPT (euros) / UTA (n.º)	37 979	32 704	47 976	12 629	n.d.

Empresas Agrícolas representam apenas 11% do universo das explorações agrícolas mas apresentam indicadores de competitividade claramente superiores ao valor global das explorações agrícolas: em média são 4 vezes mais produtivas, exploram 63 hectares de SAU e detêm um efetivo animal sete vezes superior

A análise do VPPT, por natureza jurídica, revela duas realidades distintas: as empresas agrícolas geraram em 2009 em média um VPPT superior a 91 mil euros, seis vezes superior ao registado no total das explorações agrícolas, sendo que este número aumenta para quase 17 vezes quando se consideram apenas as sociedades. O grau de profissionalização e a procura de dimensão crítica ideal para a atividade agrícola das empresas contrastam com a dos produtores agrícolas singulares que apenas a praticam de forma marginal (como complemento a outras atividades) e com a pequena agricultura de subsistência que ainda persiste em muitas regiões do país.

Também ao nível da área explorada se observa esta discrepância: a dimensão média da SAU das empresas agrícolas (63 hectares) e, mais especificamente, das sociedades (167 hectares), rivaliza com a das explorações dos países com agriculturas mais competitivas, ao passo que a SAU média nacional se situa cerca de 5 hectares abaixo da média da UE 25 (dados de 2007).



A concentração do efetivo animal nas empresas agrícolas, expresso em cabeças normais (medida pecuária que relaciona os efetivos em função das espécies e das idades e que tem como unidade de referência um animal adulto da espécie bovina), é ainda mais evidente do que a da SAU. De facto, em média, as sociedades apresentam 160 cabeças normais, cerca de 23 vezes mais do que o total das explorações agrícolas. Para esta realidade contribuem sobretudo os aviários e as suiniculturas industriais.

O recurso à mão de obra apresenta também divergências significativas, resultantes essencialmente da diferença de escala. De facto, o tempo de trabalho por unidade produtiva é de 1 UTA (unidade de trabalho ano - que corresponde a 1 800 horas/ano) na globalidade das explorações, sendo superior a 5 UTA nas sociedades agrícolas.

Por outro lado, de um modo geral, o tempo de trabalho necessário para explorar 100 hectares de SAU varia na razão inversa à dimensão da exploração, como se comprova pelo facto de nas sociedades apenas serem necessárias 3 UTA para explorar 100 hectares de SAU, enquanto que nas explorações em geral esse número é de 10 UTA.

A produtividade do trabalho, considerada como o rácio entre o VPPT e a UTA, é em média de 12,6 mil euros por UTA. Nas empresas agrícolas, nesta perspetiva mais produtivas, cada UTA gera em média cerca de 48 mil euros, o que corresponde a praticamente o quádruplo do valor global das explorações agrícolas.

**Representatividade das empresas para os indicadores VPPT, SAU, CN e UTA
por classes dimensão**

		unidade: %				
		Empresas	VPPT	SAU	CN	UTA
Divisão 01 da CAE Rev.3						
Dimensão económica (euros)	< 8 000	1,8	0,5	1,1	0,3	1,4
	8 000 a < 25 000	2,6	2,7	3,9	2,1	3,3
	25 000 a < 100 000	3,9	13,8	17,5	13,4	6,9
	>=100 000	2,3	46,7	33,6	55,3	9,5
	Total	10,6	63,7	56,0	71,1	21,2

Os principais indicadores do RA 09 revelam a importância das empresas no setor agrícola. Embora representem apenas 11% do total de explorações agrícolas, contribuem com quase 2/3 do VPPT, exploram 56% da SAU e produzem 71% das cabeças normais. No entanto, as necessidades de mão-de-obra das empresas não são proporcionais a estes indicadores, devido à maior eficiência e produtividade já referidas. A este propósito, salienta-se que a mão-de-obra agrícola baseia-se essencialmente na estrutura familiar, dado que 4/5 do trabalho agrícola assenta na população agrícola familiar, constituída por cerca de 793 mil indivíduos que trabalham nas explorações.

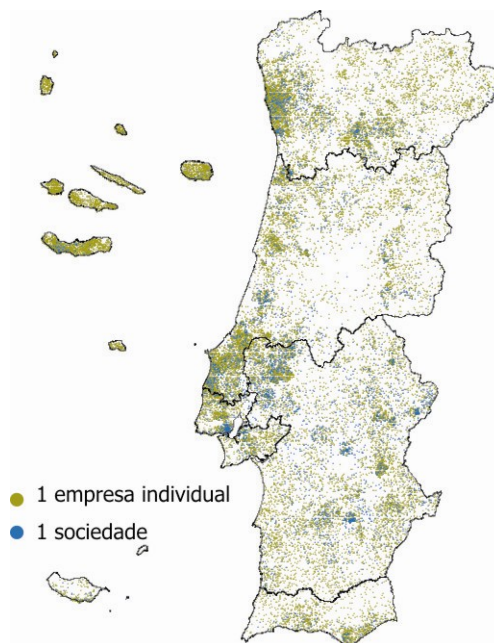
A importância das grandes empresas (100 mil euros ou mais de VPPT) é muito expressiva na produção agrícola nacional, uma vez que, representando apenas 2% do total de explorações agrícolas, geram quase metade do VPPT e produzem 55% das cabeças normais. Trata-se de unidades produtivas altamente profissionalizadas que coexistem com a elevada representatividade da agricultura de cariz mais familiar.

Distribuição regional das empresas por classes de dimensão										
Desagregação por:	Distribuição (%)		Distribuição regional das empresas (%)							
	Empresas	Total de explorações	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira	
Divisão 01 da CAE Rev.3										
	Total (nº)	32 381	305 266	-	-	-	-	-	-	-
	Total (%)	-	-	21,8	23,9	6,8	30,0	4,1	12,7	0,7
	Representatividade (%)	-	-	6,4	7,4	29,0	23,1	10,7	30,3	1,7
Dimensão económica (euros)	< 8 000	16,8	78,5	16,4	15,3	16,8	18,3	24,6	13,4	37,3
	8 000 a < 25 000	24,7	12,4	31,2	21,2	23,8	22,3	35,5	22,5	23,6
	25 000 a < 100 000	36,9	6,4	34,3	40,4	32,8	34,4	29,8	45,6	25,3
	>=100 000	21,6	2,8	18,0	23,1	26,6	25,0	10,1	18,5	13,8
SAU (ha)	<1	6,6	21,6	5,7	10,9	4,7	2,7	8,4	6,3	69,3
	1 a < 5	21,2	54,0	24,8	28,7	29,2	11,5	36,4	14,5	28,0
	5 a < 20	34,0	17,1	48,7	35,5	28,7	19,5	36,2	43,7	2,7
	20 a < 50	16,4	3,8	15,8	13,0	11,6	16,8	11,5	27,5	0,0
	50 a < 100	7,9	1,4	3,7	5,7	6,8	14,4	3,5	6,7	0,0
	>= 100	13,9	2,0	1,3	6,2	19,0	35,1	3,9	1,4	0,0
Cabeças Normais (Nº)	<1	44,4	68,2	44,7	47,2	63,4	46,5	80,9	9,6	81,3
	1 a < 3	5,0	15,9	5,2	7,2	5,4	3,4	5,5	3,8	7,6
	3 a < 5	2,7	4,3	2,7	3,2	2,3	2,3	1,0	3,2	0,9
	5 a < 10	4,8	3,8	4,7	4,8	2,6	3,9	2,8	9,1	1,3
	10 a < 20	7,8	2,7	8,5	7,3	3,1	5,9	3,5	16,1	0,9
	20 a < 30	6,5	1,3	7,2	6,3	2,5	4,8	1,3	14,3	0,4
	30 a < 40	5,1	0,8	6,1	3,7	1,6	4,3	1,2	11,3	0,4
	40 a < 50	4,0	0,6	4,3	3,2	1,7	3,2	0,3	9,3	0,4
	>= 50	19,8	2,5	16,6	17,3	17,5	25,7	3,5	23,4	6,7
UTA (Nº)	<1 UTA	21,7	48,1	10,4	17,4	24,1	30,9	23,7	25,2	25,3
	1 a < 2 UTA	37,8	36,1	31,6	38,2	32,9	35,8	43,8	53,3	37,3
	2 a < 3 UTA	21,9	12,2	33,5	25,4	19,4	14,5	17,0	16,1	18,2
	>=3 UTA	18,6	3,6	24,4	19,0	23,6	18,8	15,5	5,5	19,1

Mais de 29% do universo regional das explorações agrícolas dos Açores e de Lisboa são empresas agrícolas

As especificidades regionais da agricultura nacional podem ser demonstradas por diversos indicadores, entre os quais se destaca a representatividade das empresas no universo regional das explorações. No Norte e Centro o peso das empresas agrícolas é bastante reduzido (6 e 7%, respetivamente). Em contrapartida, nos Açores e em Lisboa a importância destas empresas assume maior expressão, representando cerca de 30% do total de explorações. No Alentejo as sociedades agrícolas apresentam uma menor importância relativa (23%), mas ainda assim a região concentra 30% destas entidades jurídicas.

Distribuição espacial das empresas por natureza jurídica



Mais de ¼ das empresas agrícolas de Lisboa têm a exploração agrícola no Alentejo

A comparação da distribuição regional das empresas pelos critérios de localização dos dois domínios - sede da empresa e localização das explorações agrícolas - revela uma concordância para a maioria das empresas agrícolas. Assinala-se, contudo, a região de Lisboa onde este comportamento não é tão equitativo, dado que 26,9% das explorações agrícolas das empresas sediadas em Lisboa se encontram localizadas no Alentejo.

Localização geográfica das explorações agrícolas (RA 09) vs sede das empresas Divisão 01 da CAE Rev.3

Divisão 01 da CAE Rev.3		unidade: %						
		Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira
RA 09	NUTS II							
	Norte	98,7	0,6	3,4	0,1	0,1	0,0	0,4
	Centro	0,6	96,5	7,2	0,4	0,1	0,0	0,4
	Lisboa	0,0	0,5	61,0	0,8	0,0	0,0	0,0
	Alentejo	0,6	2,4	26,9	98,7	3,2	0,1	0,0
	Algarve	0,0	0,0	1,3	0,0	96,7	0,0	0,0
	Açores	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	99,9	0,0
	Madeira	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	99,1
		100	100	100	100	100	100	100

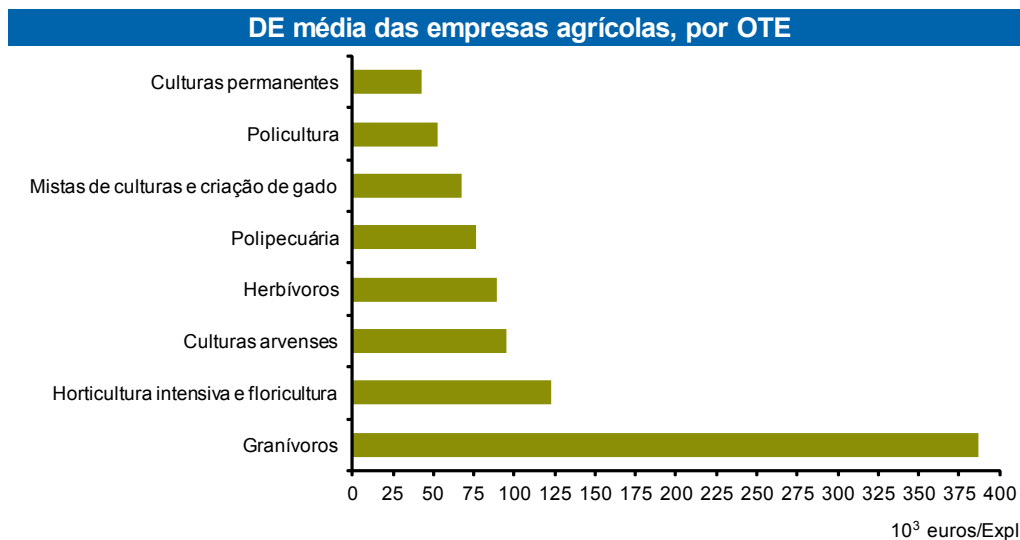
Distribuição das empresas por OTE e classes de DE

unidade: %

Desagregação por:		Distribuição das empresas por OTE		Distribuição das empresas por OTE e DE			
		Empresas	Total de explorações	< 8 000 €	8 000 a < 25 000 €	25 000 a < 100 000 €	>=100 000 €
Divisão 01 da CAE Rev.3							
Orientação técnico-económica (Nº)	Culturas arvenses	11,5	9,3	23,4	26,1	29,4	21,2
	Horti. intensiva e floricultura	7,7	2,9	6,2	29,5	43,8	20,5
	Culturas permanentes	24,1	36,5	27,3	32,2	30,8	9,7
	Herbívoros	39,2	15,6	6,9	19,7	46,2	27,1
	Granívoros	4,6	2,3	6,1	8,0	29,7	56,2
	Policultura	4,4	10,3	28,6	32,9	26,5	12,0
	Polípecuária	1,7	5,3	28,9	28,8	22,2	20,1
	Mistas de culturas e criação de gado	6,3	16,8	28,2	25,5	27,1	19,2
	Não classificadas	0,5	0,9	100,0	0,0	0,0	0,0

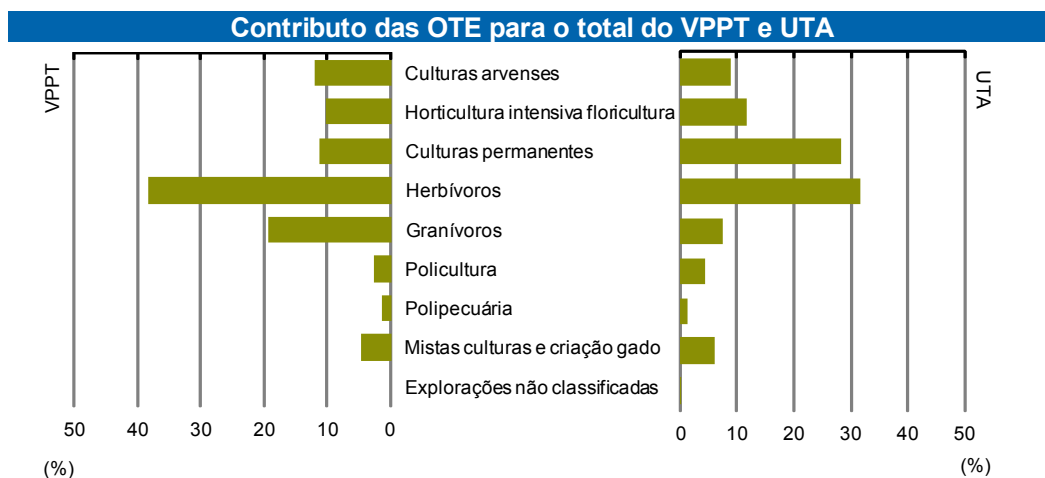
39% das empresas agrícolas são especializadas em herbívoros

A análise detalhada dos principais indicadores foi ainda complementada com a distribuição das explorações pelas orientações técnico-económicas, definida a partir do contributo de cada atividade para a soma do VPPT da exploração. Neste particular destaca-se a divergência entre o total das explorações e as empresas, no que diz respeito à representatividade das principais orientações: enquanto que para a globalidade das unidades produtivas a produção de culturas permanentes é claramente a principal OTE, nas empresas a produção animal assume uma maior representatividade, com destaque para as empresas agrícolas especializadas em herbívoros (39% do total de empresas). As orientações técnico-económicas não especializadas (que combinam várias produções não existindo um contributo maioritário de nenhuma delas) têm um peso inferior nas empresas agrícolas. A análise das OTE por classes de DE revela que são as empresas especializadas em produção animal (herbívoros e granívoros) aquelas que apresentam uma maior DE; por oposição, as unidades produtivas de menor dimensão estão maioritariamente orientadas para produções não especializadas (Policultura, polípecuária, etc.).



Esta relação também se evidencia quando se analisa a contribuição destas orientações técnico-económicas para o total do VPPT e das UTA das empresas agrícolas. De facto, em conjunto, as empresas produtoras de herbívoros e granívoros concorrem com 57,7% do total do VPPT e com 39,2% do total das UTA, sendo também bastante apreciável o peso das empresas especializadas em culturas permanentes na mão-de-obra total (28,2% das UTA).

De destacar o setor dos granívoros, em que os 4,6% das empresas agrícolas com esta especialização contribuem com 1/5 do total da VPPT, em resultado da elevada DE unitária. No outro extremo encontram-se as empresas não especializadas (8,7% do VPPT e 11,8% das UTA).



Síntese metodológica

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulga os principais resultados estatísticos caracterizadores da **atividade das empresas agrícolas** portuguesas para o período 2004-2010.

A possibilidade de associar o contexto das estatísticas das empresas, que representa a atividade económica global do setor empresarial não financeiro, com a estrutura das explorações agrícolas, disponibilizada pelo Recenseamento Agrícola 2009 (RA 09), constituiu a oportunidade para o INE divulgar este estudo.

Como se tratam de dois domínios estatísticos distintos (estatísticas das empresas e estatísticas agrícolas) com conceitos e classificações próprios, a análise da informação terá de ser efetuada tendo em conta esta diferenciação.

Nas estatísticas das empresas, as unidades são classificadas de acordo com a atividade principal, embora os resultados contabilísticos correspondam aos valores globais da totalidade das atividades (principais e secundárias) desenvolvidas pela empresa. Esta será seguramente uma das limitações da comparação entre os dois domínios, uma vez que a caracterização com base na atividade principal circunscreve a análise à atividade agrícola em estrito senso, não sendo possível evidenciar a pluriatividade tão característica do setor agrícola, com atividades promotoras da preservação do ambiente e da sustentabilidade rural (turismo rural, ocupação de tempos livres, agricultura biológica, artesanato, produção agroalimentar, etc.), nem quantificar as unidades que, embora desenvolvendo atividade agrícola, não extraem desta o principal rendimento.

Por outro lado, a regionalização das empresas é efetuada de acordo com a localização da sede, independentemente da distribuição geográfica dos seus estabelecimentos, enquanto nas estatísticas agrícolas esta é definida pela localização das explorações agrícolas. Para as empresas de grande dimensão, com mais do que uma atividade, com vários estabelecimentos e explorações agrícolas localizados em diferentes regiões, estes aspetos podem assumir particular relevância, pelo que devem ser considerados na interpretação da informação.

Os dados estatísticos divulgados foram obtidos a partir dos seguintes projetos:

- 1) **Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE)**, o qual resulta de um processo de integração da informação estatística sobre empresas, baseado em dados administrativos, com particular destaque para a Informação Empresarial Simplificada (IES). Esta informação é complementada, por um lado, com dados para os empresários em nome individual e trabalhadores independentes, recebidos por via do Protocolo estabelecido entre o INE e vários organismos do Ministério das Finanças e, por outro, com informação proveniente do Ficheiro de Unidades Estatísticas do INE. Desta forma, o SCIE garante a máxima cobertura em termos de unidades empresariais e variáveis.
- 2) **Recenseamento Agrícola 2009 (RA 09)** – Operação estatística censitária de periodicidade decenal, com carácter obrigatório face ao Regulamento do Conselho da Comunidade Europeia n.º 1166/2008, dirigida a todas as explorações agrícolas, que procura responder às necessidades estatísticas nacionais e internacionais, designadamente:
 - ⇒ Caracterizar a estrutura das explorações agrícolas em Portugal e analisar a sua evolução com operações estruturais anteriores (censitárias e intercensitárias);
 - ⇒ Analisar a evolução dos sistemas de produção agrícola;
 - ⇒ Dar a conhecer as principais práticas culturais;
 - ⇒ Caracterizar a população agrícola familiar e a mão-de-obra agrícola;
 - ⇒ Disponibilizar informação sobre a origem do rendimento do produtor;
 - ⇒ Apresentar um conjunto de informação relacionada com o desenvolvimento rural e as outras atividades lucrativas não agrícolas da exploração;

- Constituir um ficheiro de explorações agrícolas e estabelecer a Base de Amostragem Agrícola (BAA) para os inquéritos agrícolas da próxima década.
- Informar sobre a evolução da sucessão da exploração agrícola;

O âmbito de atividade económica considerado compreende as **empresas classificadas na divisão 01 da CAE Rev.3**, ou seja agricultura, produção animal, caça e atividades relacionadas. O âmbito do RA 09 compreende as explorações agrícolas perenes (com atividade) com pelo menos 1 hectare de Superfície Agrícola Utilizada (SAU), ou o seu equivalente, em Portugal Continental. No caso das Regiões Autónomas, este limiar é de 10 ares (0,1 ha).

As **empresas individuais** compreendem todas as unidades empresariais constituídas sob a forma jurídica de **empresários em nome individual** e **trabalhadores independentes**.

Informação aos utilizadores

Esta e outra informação relativa às Estatísticas das Empresas 2010, ao Recenseamento Agrícola 2009 e às Contas Económicas da Agricultura, encontra-se disponível no Portal das Estatísticas Oficiais em: www.ine.pt.

Por questões relacionadas com o arredondamento dos valores, os totalizadores, em valor ou percentagem, podem não corresponder exatamente à soma das suas parcelas.

Siglas

CAE Rev.3 – Classificação Portuguesa das Atividades Económicas, Revisão 3

CN – Cabeças normais

DE – Dimensão económica

NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins estatísticos, versão 2002

OTE – Orientação técnico-económica

p.p. – pontos percentuais

RA 09 – Recenseamento Agrícola 2009

SCIE – Sistema de Contas Integradas das Empresas

SAU – Superfície Agrícola Utilizada

Tx.var. – Taxa de variação

UE 25 – União Europeia dos 25, correspondente ao conjunto dos países que pertenciam à União Europeia entre 2004 e 2007.

Compreende: Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Irlanda, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa e Suécia.

UTA – Unidade Trabalho ano

VAB_{pm} – Valor Acrescentado Bruto a preços de mercado

VPPT – Valor de Produção Padrão Total

VVN – Volume de Negócios

Indicadores

Taxa de mortalidade = Mortes de empresas/N.º de empresas ativas * 100

Taxa de natalidade = Nascimentos de empresas/N.º de empresas ativas * 100

Taxa de sobrevivência a 2 anos = Empresas sobreviventes no ano n e nascidas em n-2/Nascimentos de empresas de n-2

Taxa de variação média anual =
$$\left[\left(\left(\frac{V_n}{V_1} \right)^{\frac{1}{n}} \right) - 1 \right] * 100$$
, V1: valor da variável no início período; Vn: valor da variável no fim do

período; n: número de anos

Volume de negócios per capita = Volume de negócios/Pessoas ao serviço

Taxa de valor acrescentado bruto = VABpm/Produção*100